

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Juliana Teixeira Grünhäuser

Sonhos Descarrilhados

Porto Alegre

2015

Juliana Teixeira Grünhäuser

Sonhos Descarrilhados

Tese apresentada como requisito
a obtenção do grau de doutor em
Escrita Criativa pela Faculdade de
Letras da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Ricardo Timm de Souza

Porto Alegre

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G891s Grünhäuser, Juliana Teixeira
Sonhos Descarrilhados/ Juliana Teixeira Grünhäuser.
115 f. : il.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, DOUTORADO EM ESCRITA CRIATIVA, 2016.

“Orientação: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza”.

1. Escrita criativa. 2. Construção de personagem e narrador. 3. Ferrovia no RS. I. Título.

CDU: 808.1

Bibliotecária Responsável: Mary Nice Branchi de Souza CRB 10/2159

AGRADECIMENTOS

Cada gesto de compreensão, cada leitura e todas as opiniões mereceriam um agradecimento especial. Durante quatro anos de escrita não foram poucas as pessoas que, mesmo por um frágil momento, auxiliaram na construção da escrita. De forma particular e contínua agradeço ao meu orientador, Ricardo Timm, que teve um olhar generoso para o processo de escrita, compreendendo as idas e vindas da Juliana e da Lili. Obrigada ao meus amores mais próximos: minha irmã, Jéssica; minha mãe, Janete; e meu marido, Felipe, que compreenderam os enormes vazios de resposta para suas perguntas. Um agradecimento especial à minha amiga Camila Doval por parar de escrever a sua tese para ler a minha – e quem passa por isso entende que não há desprendimento maior. Obrigada também aos professores com quem tive o prazer de dividir experiências, à Pontifícia Universidade Católica e à CAPES por compreender a importância do curso de Escrita Criativa.

RESUMO

Uma tese em Escrita Criativa é sempre resultado de muita pesquisa, estudos específicos sobre a narrativa e outros variados. *Sonhos Descarrilhados* é um romance que abrange mais de trinta anos de histórias entre 1970 e hoje, entre Brasil e Argentina. Um período historicamente conturbado que o romance também dá conta. Tem como pano de fundo os trens de passageiros do Rio Grande do Sul. Há, além do romance, um prefácio do autor que mostra a trajetória de escrita e as decisões sobre personagem, espaço e narrador, bem como as pesquisas e divagações próprias deste tipo de tese.

Palavras-chave: Escrita Criativa, construção de personagem e narrador, Ferrovia RS.

ABSTRACT

A thesis in Creative Writing is always the result of much research, specific studies on the narrative and other miscellaneous. *Sonhos Descarrilhados* is a novel that spans over thirty years of history between 1970 and today, in Brazil and Argentina. A period historically troubled that the novel also gives account. Its backdrop the passenger trains in Rio Grande do Sul. There are, in the novel, an author preface that shows the path of writing and decisions about character, space and narrator, as well as research and downramblings of this type thesis.

Keywords: Creative Writing, character and narrator creation, Railroad.

SUMÁRIO

Prefácio da autora.....	7
Sonhos Descarrilhados.....	23

A pesquisa histórica

A ideia a partir da qual o romance surgiu foi um olhar de relance de um avião que fazia manobras de pouso em Porto Alegre. Ali, esmagado entre uma plataforma de trem antiga e as instalações do aeroporto, estava um trem envelhecido e enferrujado. Após algumas ligações, consegui descobrir que aquele era o último trem de passageiros do Rio Grande do Sul que viera de Uruguaiana para ser abandonado em um campo aberto.

Esse fato singular deu origem a uma pesquisa extensa a respeito da malha ferroviária do Estado que aqui é apenas um recorte. Trata-se de uma breve história da ferrovia no Rio Grande do Sul e em particular a linha Porto Alegre–Uruguaiana que teve sua última viagem em fevereiro de 1996.

A ferrovia no RS

Pequeno histórico: No Rio Grande do Sul, a partir de 1905, as ferrovias foram unificadas sob o nome de VFRGS (Viação Férrea do Rio Grande do Sul). Antes disso, algumas linhas pertenciam à Cie. Auxiliaire, outras ao governo. A VFRGS fez parte da Brazil Railways em 1911 e em 1920 passou a ser uma empresa estatal. Em 1957, foi encampada pela RFFSA (Rede Ferroviária Federal) “Sobre o dormente” está ligado a essa época em específico.

“A maioria das pessoas quase sempre joga suas observações no mesmo cesto de reciclagem em que goga as coisas que imagina. [...] Quando você estiver trabalhando, a maioria das lembranças úteis serão tiradas de seu vasto arquivo morto das coisas que você em parte notou e em parte esqueceu. Como escritor, você tem de observar o que normalmente não é observado. Os detalhes que dão vida e nitidez são, na maioria das vezes, vistos de relance.” (KOCH, Stephen. Oficina de escritores)

“Quando um romance começa? A pergunta é quase tão difícil de responder quanto dizer com precisão em que momento o embrião humano se torna uma pessoa.” (LODGE, David. A arte da ficção)

Desde 1996, quando da privatização do governo Britto, toda a malha ferroviária do RS está nas mãos da empresa concessionária ALL (América Latina Logística) que suspendeu os trens de passageiros por esses não serem lucrativos. Embora não apareça de uma maneira ostensiva, ir à campo, visitar sindicatos de ex-ferroviários, conviver com pessoas que utilizavam os trens e, principalmente, encontrar, perdidas pelas cidadezinhas afora, as estações abandonadas foi parte importante da construção da narrativa.

Linha Porto Alegre – Uruguaiana

Essa linha foi aberta em 1883, ligando Santo Amaro (Cidade próxima a General Câmara) à Cachoeira do Sul. Esse trajeto era feito por navegação fluvial no rio Jacuí. Em 1898, a Cie Auxiliaire, empresa belga, era responsável pelo trecho. Em 1907, os trilhos chegaram à Uruguaiana. Somente em 1911, a construção da Linha Santo Amaro– Barreto – Montenegro possibilitou a ligação com a capital, utilizando parte da linha Porto Alegre - Novo Hamburgo. Em 1920, a linha tornou-se estatal. Durante seu funcionamento foram construídas algumas variantes para encurtar as distâncias, eliminando algumas estações.

Por curiosidade, segue um pequeno histórico das estações de trem da capital. Hoje, algumas delas, senão sua totalidade, estão enterradas no esquecimento e é bastante difícil uma localização exata. A escrita, ainda que com precariedade, tenta preencher esse espaço vazio da memória dando vida a uma personagem que andava pelos trens.

Estações de Porto Alegre

Idelfonso Pinto: Essa estação foi construída e inaugurada em 1927 para a estação inicial da ferrovia Riacho Tristeza, que já existia desde o final do século XIX. Foi interligada à linha da VFRGS, alguns trens que partiam para o interior saíam dessa estação, rumo à estação central de Porto Alegre. Em 1930, foi desativada a linha, mas o prédio continuou a ser usado pela VFRGS. A estação ficava na esquina da Borges de Medeiros com a Av. Mauá. Foi demolida em 1972.

Estação nos anos 60. Foto de Zero Hora de 15/05/2004



Estação Riacho: Foi aberta para o transporte entre os bairros do Riacho e do Asseio em 1899. A partir de 1900, passou também a transportar passageiros, bagagens e mercadorias. Em 1912, a linha foi estendida até a praia da Pedra Redonda. Em 1924, a linha foi levada até o cais do porto para transportar pedras para as obras do cais. Em 1926, foi aberto um ramal para Vila Nova. Em 1927, foi levada até a linha Idelfonso Pinto. Não se sabe o ano de fechamento.

Localização: ficava onde hoje é o bairro Azenha, perto do riacho Ipiranga (de onde vem o nome). Era também chamada de estação Ponte de Pedra. Ninguém sabe ao certo a localização da estação. Em um mapa antigo de Porto Alegre, mostra a estação na Esquina da Coronel Genuíno com a extinta Av.



Guaíba. (às margens do Guaíba).

Postal da estação de 1927

Estação Tristeza: Foi inaugurada em 1900. (não é certa a data). A estação era a ponte de um ramal da estrada de ferro originalmente construída e aberta em 1899. A localização, segundo relatos, estaria localizada perto da Praça da Tristeza e com vista para a capela da Tristeza, hoje Padre Reus. Alguns historiadores, afirmam que o trem intensificou o desenvolvimento do bairro, pois era como uma zona de veraneio para os moradores.

Estação Pedra Redonda: inaugurada em 1912, era ponta de um ramal que seguia até a Tristeza. A localização é confusa, mas parece que era no início da Rua Coronel Marcos, a linha passava por baixo da ponte da Vila Conceição. Os trilhos e a escavação ainda permanecem no local que, aos poucos, está dando espaço a casas irregulares.



Estação Porto Alegre: Existiram três estações Porto Alegre. A primeira delas foi inaugurada em 1874, um prédio de madeira, para atender a linha Porto Alegre – São Leopoldo. Não sei a localização, foi demolida em 1910 (talvez a própria Idelfonso Pinto). Essa foi substituída pela outra estação Porto Alegre, chamada de “Castelinho” localizada na Voluntários, esquina com a rua Garibaldi, demolida quando da construção do Viaduto da Conceição. A partir da desativação da “Castelinho”, os trens partiam da nova estação mais distante. A terceira estação Porto Alegre era localizada na Voluntários da Pátria, 1358 no ano de 1970. Não fica claro se a terceira estação é a que hoje é a estação do trensurb voluntários da pátria ou não.

Esse apanhado histórico é apenas uma pequena demonstração de como existe um apagamento da nossa história recente. Prédios destruídos e pouco registro. Quando se avalia que, no fim da década de oitenta, apenas até a cidade de Santa Maria, a linha Porto Alegre–Uruguaiana contava com vinte e três estações. Hoje elas estão aos escombros, no meio de plantações, servindo de moradia para invasores. Os prédios não passam de uma construção, mas carregam consigo lembranças, vidas, partidas e chegadas que desaparecem junto com as estações do Rio Grande do Sul.

A última viagem

O trem que operou durante décadas teve sua última viagem anunciada para o dia seis de fevereiro de 1996. Uma espécie de fim comemorativo trouxe passageiros da cidade de Uruguiana para Porto Alegre, conforme mostra o jornal Zero Hora do dia sete de fevereiro:



to de trem entre Porto Alegre e Uruguaiiana os passageiros contemplavam antigas estações e paisa

e durante anos
aminhos sinuo-
e vilarejos, pas-
m parte da vida
slizar pelos tri-
as de ferro per-
que ligam Porto
guaiana não se-
em de passagei-
de Santana do
s 19h30min, em

FFSA) decidiu
ções financeiras
s, que estão su-
segurança dos
al da linha é de

FFSA, Daison
que não haverá
sportou 37 mil
do pequeno por
1992, 78 mil, e

vez na Estação
às 8h20min de
orto Alegre para
reção aos muni-
ruguaiiana, com
as, ao saberem
transporte mais
viagem por be-
a natureza, se
para as últimas



Vagão lotado: fim da alternativa barata para viagens

Cilma Tuchtenhag
quinta-feira passada
em Porto Alegre. Ela
filhos Guilherme, 9 an
brinho Oscar Pich N
viajado de trem.

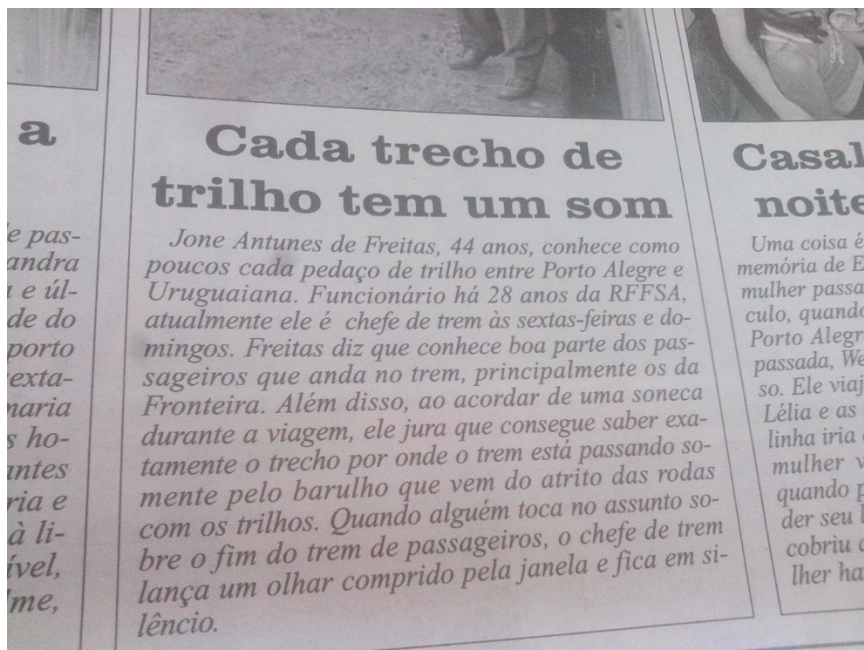
Durante as 10 hora
três não pararam de
adoraram a sensação
abertas entre os vag
crianças têm mais li
que no ônibus”, com

A desativação do t
contemplativos, pre
mais pobre, que dep
de Dulcídio Ramos
gentina. Pelo meno
Uruguaiiana para Sar
lhos. Ele paga R\$ 6,2
quanto de ônibus ter

“Terei que dimin
sagem para o trajeto
gre a Uruguaiiana, c
R\$ 11,10 na segund
O ônibus comum er
e demora de seis a s

O pintor Sérgio F
Maria e costuma ir
sua casa de verane
O único meio de ch
rodovia mais próxi
do local.

Perdigão conta qu
têm carro ficarão is
prar mantimentos.
distritos no trecho
nessa mesma situaç



Além de pesquisa em jornais da época, foram realizadas visitas ao Museu do Trem em São Leopoldo, ao Museo Ferroviario de Buenos Aires, entrevistas e conversas com pessoas que viveram bastante essa época e trabalharam nos trens na antiga cooperativa e sindicato ferroviário de Santa Maria, há também uma série fotográfica que faz parte da criação estética da obra. As reportagens, a história e as fotos mostram a dimensão mais humana da história da via férrea. E é justamente sobre esse entrelaçamento entre a memória, o trem e criação literária que trata *Sonhos Descarrilhados*.

FOTOS DA AUTORA

Durante a pesquisa, foram visitadas inúmeras estações de trem. Aos poucos foi se criando uma história imagética do abandono da linha férrea. Algumas fotos estão incorporadas ao texto final, as outras serão disponibilizadas na internet.

Criação ficcional

Desde a concepção do projeto, intitulado Projeto Lili, até o período da escrita, muito material teórico sobre escrita serviu de fundamento para as estruturas e escolhas durante a construção da obra, além da pesquisa histórica.

Muitas decisões foram pensadas e substituídas durante a escrita desde a estrutura da obra: narrador, foco narrativo, personagens, espaço, tempo – escolhas que dizem respeito ao alicerce em que a obra vai ser constituída, até linguagem. Em um primeiro momento, a história partiu da construção da personagem que considero as primeiras vigas de sustentação do projeto. Por isso, muitos mini-contos, trechos, exercícios de criação de personagem foram realizados durante o início do projeto. Para Lili, a protagonista, foram páginas de infância, por exemplo, que acabaram não fazendo parte do resultado final.

Para contar, então, a história mais ou menos traçada da personagem Lili era necessário pensar no narrador. Quase a totalidade da história foi escrita três vezes por conta dessa escolha. Em primeira pessoa, Lili ganhou mais vida e a narração perdeu muito do olhar do outro; com um narrador em terceira pessoa onisciente o texto ficou todo muito distante e não funcionou da maneira esperada. Então, a solução foi misturar os tipos

“A matéria-prima da ficção é e sempre foi a emoção, as convicções, os valores humanos. [...]O ofício do escritor consiste em compor seres humanos convincentes e criar para eles situações básicas e ações por meio das quais conheçam-se a si mesmos e revelem-se ao leitor.” (GARDNER, John. *A arte da ficção.*)

“Romances são narrativas, e narrativas de todos os formatos – livro, filme ou tira – prendem a atenção do público fazendo perguntas e tardando em respondê-las.” (LODGE, David. *A arte da ficção.*)

“O suspense – alguma forma de suspense – paira sobre toda a arte da ficção, qualquer tipo de ficção.” (KOCH, Stephen. *Oficina de escritores.*)

“(…) Para criar o futuro, é preciso que algo dele seja preparado no presente, (...) utilizando-se o que já foi, a vida se empenha desde o começo em conservar o passado e antecipar o futuro numa duração em que passado, presente e futuro penetram um no outro e formam uma continuidade indivisa: esta memória e esta antecipação são, como vimos, a própria consciência. E esta é a razão, de direito, se não de fato, de que a existência seja coextensiva à vida.” (BERGSON, Henry. *A Consciência e a Vida.*)

narradores para dar uma visão mais orgânica do enredo.

Essas e outras estruturas não devem ser perceptíveis ao leitor, mas devem ser feitas de maneira consciente pelo autor. O leitor tomará conhecimento da história de Lili e de Seu Figueira, intercalando as narrativas dos dois para, aos poucos, as duas personagens terem seu momento de intersecção. Além da personagem-narradora, Aline, que dá vida aos últimos capítulos e que costura, por assim dizer, as narrativas.

Essas divisões correspondem aos eixos narrativos e temporais diferentes que são apresentados de maneira não linear para o leitor. Existe um salto temporal dos anos noventa para a contemporaneidade, acompanhado por uma troca de narrador de terceira pessoa para a primeira, bem como de foco narrativo de Elisa (Lili) para Aline, personagem que conduz e tenta desvendar o mistério da filiação de Lili. Tempo cronológico e tempo psicológico se confundem durante a narrativa. Essa marca, diferenciação dentro da obra, foi pensada para que se mantivesse um certo suspense em relação as respostas que Lili tanto procurou.

O romance será ambientado em lugares urbanos. Porto Alegre será a cidade em que mora Elisa. Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul, será o ambiente por onde circula a personagem Seu Figueira. Dentro dos trens transita Elisa, suas memórias de infância.

A narrativa abrange um período cronológico de mais de quarenta anos, desde as circunstâncias do nascimento de Elisa, na década de setenta, até hoje, passando pela última viagem dos trens no Rio Grande do Sul, em 1996. No entanto, não é só a passagem desse tempo que é retratada, pois o tempo interno de cada personagem suas lembranças e suas vivências por vezes deslizam e pairam em algum espaço de tempo desconhecido.

Espaço-Trem

O trem é um dos elementos formadores do Projeto Lili. Foi escolhido por se tratar de um entre-lugar onde se pode estar ao mesmo tempo fora, nas imagens que correm pela janela, e dentro da imaginação das personagens. As

estações de trem são lugares de não pertença, em que tudo e todos se encontram e se perdem. O contato entre as pessoas é precário, foge ao primeiro apito e se desprendem em outras conexões.

A escolha específica da estação de Trem de Santa Maria, no centro do Estado, é devido à grande circulação de pessoas. Desde o começo das ferrovias, a cidade foi o centro de onde partiram muitos trens e passagem obrigatória de outras linhas fora do país e do estado. A degradação das estações, locais que foram abandonados por não ser mais necessários, em função da construção de outra estação mais moderna ou da capitalização das linhas se assemelha ao abandono de Lili que procura por um passado sensível que nem sempre pode ser recuperado.

O Sonho

Outro tema constitutivo do Projeto Lili é o sonho. Elisa e Seu Figueira perambulam nesse espaço que existe entre o real e imaginário do sono. Vivem a luta constante para decifrar os significados desses mundos obscuros por excelência. O absurdo de uma personagem sonhar os sonhos de outra se fixa na ideia de Stephen Koch: a ficção busca um estado de convergência com a vida (verossimilhança) e, se a vida é feita, por vezes, de uma sucessão episódios improváveis e até mesmo impossíveis, nada mais plausível que a implausibilidade.

É a partir do sonho que a personagem Elisa entra em contato com o que se torna boa parte do seu conflito. Já nas primeiras páginas o leitor sabe que é o sonho, a impedimento de lembrar-se deles e seu único e obsessivo sonho que permeia a vida de Lili. Embora não seja um assunto explorado de maneira científica, foi feita uma breve

“Em qualquer texto de ficção, a primeira preocupação do escritor deve ser convencer o leitor de que os fatos narrados aconteceram realmente; persuadir o leitor de que poderiam ter acontecido; ou conquistar o interesse do leitor no patente absurdo da mentira.” (GARDNER, John. *A arte da ficção.*)

“A ficção é feita de acontecimentos excepcionais. Quase toda história realmente interessante tem raízes no implausível. Isso porque não é só a ficção que é crivada de implausibilidades. A vida também.” (KOCH, Stephen. *Oficina de escritores.*)

“A interação entre estrutura, história e enredo é constante e bastante intuitiva, e desde que você compreenda que precisa dar um enredo à sua história e que todo enredo tem de ter uma estrutura, aconselho-o a não ir muito além disso.” (KOCH, Stephen. *Oficina de escritores*)

“A porta de entrada para qualquer história é o conflito.” (KOCH, Stephen. *Oficina de escritores*)

pesquisa sobre o tema e, além de leituras, conversas com psicólogos deixaram uma brecha para se pensar que uma criança muito pequena pode, de fato, recalcar uma vivência com a qual não consiga lidar e que essa lembrança pode, sem explicação aparente, emergir ao plano consciente. Por isso, o sonho é, também, parte estruturante da obra.

As impossibilidades

Durante todo o desenvolvimento desse projeto, houve – e há – insegurança. Perguntas sobre a maturidade da escrita, sobre o resultado final. Paira sempre a sensação de que não vão coincidir o desejo de construir literatura e a construção.

A consequência disso foi a reescrita exaustiva e nunca esgotada do texto. Diversas desistências em que o complexo de Bartleby disseminou dias de bloqueio - porque em algum momento o autor se dá conta de que não consegue escrever e fazer com que as ideias acompanhem a representação delas. E por meses a crise foi não conseguir representar na forma o que era claro na criação. Isso foi um ponto que ainda parece nebuloso porque a fragmentação da obra/da personagem parece exigir ainda mais fragmentação textual, no entanto, há que existir uma ideia de unidade. O leitor pode ter acesso ao prefácio ou à uma discussão sobre a obra, mas não pode depender disso para a compreensão do texto.

Em função disso, pensou-se em um romance infanto-juvenil em que o universo fantástico tomasse mais corpo na obra; em uma novel gráfica para que o espaço ficasse mais marcado; em um roteiro de longa-metragem já que as palavras, às vezes, não parecem suficientes. Tudo

“Era realmente um Lobo da Estepe, conforme ele próprio, às vezes, costumava chamar-se: um estranho, selvagem e, ao mesmo tempo, tímido, muito tímido mesmo, pertencente a um mundo bem diverso do meu.” (HESSE, Hermann. O lobo da estepe)

“Eu também não gostaria de falar desse tema. [...], então nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim.” (LAUB, Michel. Diário de uma queda)

“O futuro da menina estava garantido, mas o novo estado de coisas não poderia deixar de ser desconcertante para uma inteligência em formação, com plena consciência de que algo da maior importância havia ocorrido e ansiosa por encontrar os efeitos de uma causa tão momentosa.” (JAMES, Henry. Pelos olhos de Maisie)

isso recheado de vontades de começar a fazer de outra obra que não essa.

A criação da personagem Elisa foi talvez o que mais exigiu revisões, retornos e edições. Elisa nasceu como um ser bastante solar, muitos trechos de uma infância feliz e, aos poucos, foi se desenhando uma complexidade: solidão, morte, estupro.

Os temas exigiam a criação de uma personagem mais austera mesmo tratando-se de uma jovem. Elisa foi criada a partir de muitos silêncios e camadas profundas e exigia um contraponto à altura. O ponto de inflexão para que pudesse existir pulsão de vida foi uma questão somente possível em uma personagem mulher: a maternidade. Esse tema ressignificou a obra e trouxe a Elisa maior existência.

A cada página foi ficando mais distante a ideia de um final feliz tão ansiado pela autora. Por isso, em determinado período da escrita, tornou-se necessário escrever o final da narrativa. Muito com a ideia de ter um ponto de chegada, um estado, um efeito ao qual se quer chegar. Antes de terminar a obra, o fim já estava escrito e, se não conseguiu ser feliz, pôs termo a revolta e a solidão.

Diário da escrita

Durante o período de escrita, foi mantido um diário que, inicialmente, eram anotações de frases e ideias, depois, um lugar de escrita antes do computador e, no fim, transformou-se em um diário pessoal. Transcrevo aqui um trecho do diário em que aparece bastante essa combinação entre escrita, reflexões teóricas e pessoais:

DIA 1 (02 de janeiro de 2013) – matchbox20

[...] Sobre o plano de escrita outra decisão. Cansei de tentar fazer esse plano e decidir agora o que irá acontecer com a minha personagem. Tenho a forte intuição de que penso em criar uma personagem que não vai saber o que vai acontecer com a sua vida porque eu haveria de saber? Ou por que tenho que definir uma trajetória que eu sei que não vou seguir. Como disse meu orientador certo dia o projeto nasceu como uma coisa solar e não melancólica e é isso que eu quero perseguir, um tom positivo, solar, sorriso, um cansaço

bom de quando se consegue fazer vários pequenos compromissos em uma tarde exaustiva.

Lili vai buscar o passado dela e é isso. O passado estar ligado à malha ferroviária do RS, estar ligado a um homem que sonha seus sonhos, está ligado a toda a sua vida não quero que um detalhe de uma página vire trezentas.

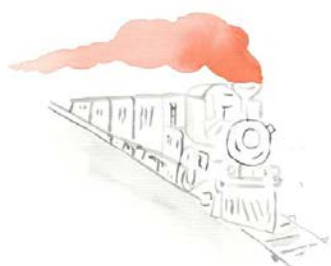
Outra grande, forte e devastadora influência desse começo de ano. Acabo de acabar o melhor livro que nos últimos meses. Sobre heróis e tumbas, de Ernesto Sabato. As 600 e poucas páginas me impuseram a vontade de começar a escrever e se perder na escrita, voltando ao tópico do não planejamento estratégico da minha história. O romance de Sabato carrega essa forte sensação de que está todo mundo perdido e a procura. Quando um dos personagens não se suicida e vai ser estiva de um caminhoneiro especialista na patagônia, compreendi que talvez fosse essa a maneira de escrever do jeito que eu quero escrever.

Após um ano de pesquisa intensa sobre as ferrovias, descobri o que eu já sabia que os Hermanos argentinos tiveram uma história muito parecida com a nossa. Grande investimento nas malhas ferroviárias nos séculos XIX e XX, sucateamento das ferrovias a partir dos anos 60 e nos 90 privatização e encerramento de linhas de passageiros ao que tudo indica em 1991, ou seja, 5 anos antes do RS. E um fator que me chamou muita atenção em uma reportagem de La Nación (pesquisar isso) a criação de cidades fantasmas que existiam em função do trem e que não existem mais. Pensei em levar a minha personagem até um lugar desses, teria muita relação com a memória que ela quer reconstruir e talvez não consiga. Na Argentina, estão renovando algumas das linhas de trem por lá. Havia trens que faziam conexão em Passo de Los Libres justamente com a linha Porto Alegre-Uruguaiana que pesquiso. Até onde eu sei (pesquisar), por motivos militares as bitolas dos trens eram e permanecem diferentes, então, para atravessar a fronteira era necessário trocar de trem e fazer a imigração (imagino eu).

[trecho do livro que foi excluído depois] Até onde sabia, não passava daquilo ali. Família de três pessoas. Pai, Mãe e ela. A menina tinha uma ânsia de viver algo que não era aquilo ali. Como se procurasse uma super história em cada um dos bonecos que enfileirava no muro onde brincava. Um papel especial para ela própria que via mais importância na linha de terra que as formigas fizeram no meio do canteiro. Chovia e Lili pegava uma sacola de retalhos e espalhava sobre a cama de casal dos pais. A vó mandou para ela brincar de costura, coisa que não tinha paciência de aprender. Era a ânsia de ser outra, de estar em outro lugar que fazia com que qualquer pedacinho de pano fosse um alguém da sua vida futura.

A edição final

Embora a obra faça parte da tese de doutoramento, foi feita a opção de editá-la, para a avaliação final, como livro. Há um descompasso entre o tratamento estético do livro e toda a teoria que existe além da escrita literária. Inicialmente se pensou em apenas editar o texto literário, mas se perderia muito se não pudesse integrar ao livro às imagens e fotos. No entanto, recheiar o texto de aparatos teóricos também deixaria fragmentado demais a leitura. A edição final, em formato de livro, é uma mistura entre as duas propostas. Foi realizada uma edição especial para cada componente da banca com aquarelas da autora para a capa. Algumas das aquarelas, antes do título:



A voz do escritor

Depois de questões estruturais estarem mais ou menos resolvidas. A inquietação foi se instalando no centro do texto e ideias como linguagem, originalidade, autenticidade e inovação foram precisando de respostas. O texto, a história em si já existia, o formato, ou o gênero, mais ou menos definido: um romance ou uma novela – mesmo sabendo que essas denominações são cada vez mais um guarda-chuva largo. No entanto, a preocupação maior se concentrava entre duas palavras: singelo e simplório. A narrativa deveria ser fluida e ter alvo no seu leitor, o texto precisava ser tocante naquilo que era mais visceral e que, apesar de tantas voltas na questão da forma, jamais transparecesse ao leitor final que aquilo era algo mais que pura linguagem.

A procura por originalidade fez da narrativa um labirinto e, depois de muitas entradas e saídas de corredores nebulosos, a resignação encontrou um tom sem o qual a escrita já não era possível. Embora muito se fale em voz do escritor, é mais interessante pensar em vozes no plural para que nenhum autor seja acusado de não ter sido o que foi antes e ter a liberdade de mudar. Descobri, depois de meses de escrita, que escrever, para mim, é muito mais apagar e fui cortando, de pronto, tudo que parecia supérfluo. O resultado foi a voz de “Sobre o dormente” está numa brecha diminuta do singelo que não permitia que nada sobrasse nas orações, nos parágrafos e nas páginas.

O prefácio do escritor encerra sem querer se um guia para quem escreve ou lê uma obra literária, mas como uma revelação da planta de um prédio em que se tem conhecimento dos pontos frágeis e consistentes da estrutura. Este romance é o resultado de trabalho, imaginação e sensibilidade sempre suscetíveis às indecifráveis marés.